

MARIA ODILIA TEIXEIRA

(05/03/1884 - ?)



PROFESSORA AUXILIAR DE ENSINO DE CLÍNICA OBSTÉTRICA

Nasceu em São Félix do Paraguassu, Bahia, em 05 de março de 1884, filha de José Pereira Teixeira (FMB.UFBA.CAIXA N. 372, 1909; TEIXEIRA, 1909). O seu pai era médico, formado em 1879 pela FAMEB, tendo sido Professor da Faculdade (TAVARES-NETO, 2008, p. 171). Segundo Maria Luiza Heine (2010), o Dr. José Pereira Teixeira era “um homem honrado e dedicado à profissão, mas de origem pobre”.

Maria Odília Teixeira, através de uma petição de 16 de março de 1904, dirigida ao então diretor da Faculdade de Medicina, o Dr. Alfredo Thomé de Britto que a deferiu. Ela apresentou como título, o de Bacharela em Ciências e Letras pelo *Gymnasio da Bahia*. A petição foi deferida.

Graduou-se em Medicina pela FAMEB em 15 de dezembro de 1909. Para estudar ela teve ajuda de um irmão, que era bacharel em Direito. Foi a sétima mulher graduada em medicina pela Faculdade, sendo a primeira diplomada no século XX. Sua tese inaugural foi “*Algumas considerações acerca da curabilidade e do tratamento das Cirrroses Alcoólicas*” (TEIXEIRA, 1909). As outras seis mulheres formadas pela Fameb antes tiveram como tema da tese inaugural ou em tocoginecologia ou em pediatria. Maria Odília amplia a escolha temática ao abordar a questão da cirrose alcoólica.

Foi nomeada “Parteira” da Maternidade, em 28 de novembro de 1914, por resolução da Congregação, em atenção ao pedido do Professor de Clínica Obstétrica e também diretor da Maternidade Climério de Oliveira, o Prof. Menandro dos Reis Meirelles Filho (presente nesta galeria). Em 17 de agosto de 1917, solicitou a exoneração do cargo. Sua função como membro do corpo docente foi, portanto, a de Auxiliar de Ensino da cadeira de Clínica Obstétrica, conforme citação de Anselmo Pires de Albuquerque no primeiro volume do “Arquivo da Faculdade de Medicina da Bahia de 1916” (ALBUQUERQUE, 1917, p.12).

Prof. Benedicto Alves de Castro Silva, professor de Odontologia e membro do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, afirma em artigo publicado no jornal *A Tarde* (SILVA, 2011), que a Dra. Maria Odília Teixeira foi a primeira mulher negra a se graduar na FAMEB em Medicina. Na FAMEB, além da formação médica, havia também a de Farmacêuticos, de Odontólogos e de “Parteiras”.

De acordo com a metodologia adotada, de sempre buscar outras fontes para confirmar a autenticidade e a veracidade dos dados, encontramos outras fontes que confirmam a afirmativa do prof. Benedicto Silva. Azevedo e Fortuna (2012, p.13) assumem a assertiva, referindo a mesma fonte. Ao escrever sobre mulheres protagonistas na história de São Jorge dos Ilhéus, Heine (2010) diz no seu artigo:

Esta semana [com o dia internacional da mulher, 8 de março de 2010] queremos homenagear uma mulher que não tivemos a oportunidade de conhecer, mas que, temos certeza, foi extraordinária. No Brasil do início do século vinte, machista e preconceituoso, com relação à mulher e à negritude, ela conseguiu se formar em Medicina, mesmo sendo mulher e negra.

Depois de cento e um anos de criação da escola médica na Bahia (1808-1909) e trinta anos depois de ter sido aprovada a lei que garantia o direito da mulher se formar em medicina no Brasil (1879-1909), a primeira mulher negra se graduou em medicina pela FAMEB. E cinco anos depois de graduada, ela ensinou na mesma faculdade onde estudou. Desse modo, com os dados que dispomos neste momento, ela foi a primeira médica negra Professora da escola *mater* da medicina brasileira. Cabe até verificar se ela não teria sido a primeira Professora negra no ensino médico do país.

A médica Maria Odília Teixeira falava fluentemente francês e lia grego e latim. Não entendia como um professor podia ensinar sem conhecer estas línguas (SILVA, 2011). Casou-se com Eusínio Gaston Lavigne, descendente de franceses, advogado que foi intendente e prefeito de Ilhéus. Após o casamento, em 1921, o casal morou em

Salvador, mas logo depois eles se mudaram para Ilhéus. Retornaram para Salvador quando Dr. Eusínio foi destituído do mandato de prefeito, com a ditadura do Estado Novo, em 1937. Tiveram dois filhos: José Léo e Gastão. De volta a Ilheus, o casal viveu “na maior felicidade” até quando a ditadura militar de 1964 prendeu o Dr. Lavigne, “um socialista, que havia prestado inúmeros serviços ao seu estado e à sua querida Ilhéus. Ver seu marido preso, um homem já idoso, atrás das grades sem justificativa, sem apresentar ameaças a quem quer que fosse, um homem que nada fez de errado. A Dra. Odília não suportou o trauma. Adoeceu de patologia irreversível” (SILVA, 2011)

Um dos filhos de Odília e Eusínio, o médico José Leo Lavigne, também formado pela FAMEB em 1948 (TAVARES-NETO, 2008), entrevistado por Heine (2010), confirmou as dificuldades financeiras do avô materno, Dr. José Pereira Teixeira: “meu pai, depois que se casou com minha mãe teve que dar a meu avô, uma pensão generosa para ele sobreviver”.

Depois de casada, Dra. **Maria Odília Teixeira Lavigne** decidiu por abandonar a carreira para se dedicar à família. Na década de 1920, o movimento feminista estava obtendo suas primeiras conquistas, ainda não tinha obtido, por exemplo, o direito ao voto, que só seria garantido na Constituição de 1934. Eram raras as mulheres independentes, do ponto de vista profissional, principalmente no interior do país, e a Bahia não era uma exceção. Porém, é bom destacar, não foi exigência do marido. Segundo seu filho, o pai Eusínio Lavigne não queria que ela deixasse a profissão, porque era uma ótima médica ginecologista, mas, como era frequente na época, Odília escolheu a tarefa de esposa e mãe (José Leo Lavigne *apud* HEINE, 2010). Disse o filho: “passou a protetora de meu pai, que não ligava para nada, não ligava para roupa, saía de qualquer jeito. Era o anjo da guarda dele”.



Maria Odília e Eusínio Lavigne.

Antes de concluir, há um episódio que ilustra bem a personalidade desta médica protagonista. Em 1953, ela tomou conhecimento de que o médico da turma de 1928 e político Ruy Santos planejava publicar um livro, como de fato publicou, com o título “Teixeira Moleque” (Editora José Olympio, 1960), referindo-se ao Dr. José Pereira Teixeira, pai de Odília Teixeira, pessoa por quem ela tinha a maior admiração, como filha e como médica. “Ela não teve a menor dúvida, comenta seu filho, sentou-se e escreveu-lhe uma longa carta chamando-lhe atenção sobre o que tencionava fazer” (HEINE, 2010). Maria Luiza Heine relata que Dr. José Leo lhe mostrou a carta. Nela, Odília, nem um pouco satisfeita com o que pretendia o então deputado federal e futuro senador da República, de modo firme, advertia ao médico-escritor: “como filha, sou interessada no caso, e devemos, por isto, zelar a memória, que nos é sagrada, de quem tão útil foi à sociedade” (*apud* HEINE, 2010). Não tivemos acesso ao livro de Ruy Santos, autor também do livro *A Faculdade do meu tempo – memórias* (SANTOS, 1978). Seria interessante conhecer o livro para sentir o efeito desta ação de Odília em defesa da memória do pai.

Segundo o testemunho do Dr. Benedicto Silva, ela deixou expresso o desejo de ser sepultada numa cova simples, no chão, como foram os seus antepassados. Não temos a data de encantamento dessa luz negra que, com encanto, brilha no céu luminoso da Bahia de todos os santos e orixás.



Formanda Maria Odília Teixeira

Fonte das fotos: *Folha da Praia*, Ilhéus, ano XIX, n. 130, p. 26, 2010 (HEINE, 2010b).

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Anselmo Pires. Arquivo da Faculdade de Medicina da Bahia de 1916. Salvador, BA: Livraria Catilina, 1917.

AZEVÊDO, Eliane Elisa de Souza e; FORTUNA, Cristina Maria Mascarenhas. “Exercício de docência por mulheres na FMB – Curso de Medicina (1893-1938)”. Salvador: FMB-UFBA, 2012. 27p. (manuscrito entregue pelas autoras)

FMB.UFBA.CAIXA N. 372. Fichas de matrículas no 1º ano do curso de Medicina. Salvador, 1909.

HEINE, Maria Luiza. Dra. Odilia Lavigne, uma mulher para ser lembrada. In: HEINE, Maria Luiza. *Ilhéus... Com amor! A história de São Jorge dos Ilhéus*. Ilheus-BA, 25/03/2010a. Extraído em: <<http://ilheuscomamor.wordpress.com/2010/03/25/dra-odilia-lavigne-uma-mulher-para-ser-lembrada/>>. Acesso Em: 12.12.2012

HEINE, Maria Luiza. Uma Mulher especial. *Folha da Praia*, seção Nossa História, Ilhéus, ano 19, n. 130, p. 26, , 2010b.

SANTOS, Ruy. *A Faculdade do meu tempo. Memória-2º volume*. Brasília: Senado Federal, 1978. 248p.

SILVA, Benedicto Alves de Castro. “A Cachoeirana Doutora Odília Teixeira Lavigne”. Salvador, *A Tarde*, Gente Memória, , p.06, 21 de outubro de 2011.

TAVARES-NETO, José. *Formandos de 1812 a 2008 pela Faculdade de Medicina da Bahia*. Feira de Santana-BA: Academia de Medicina de Feira de Santana, 2008. 331p.

TEIXEIRA, Maria Odília. *Algumas considerações acerca da curabilidade e do tratamento das cirroses alcoólicas*. Cachoeira-BA: Typographia d’A Ordem, 1909. 22p.